

Único caminho

O mundo já vinha sentindo os reflexos da desaceleração da economia antes mesmo do ataque terrorista da semana passada. A curto prazo, a tensão gerada pelo atentado deve retrair mercados e criar mais dificuldades para países que não tenham pela frente um caminho seguro a seguir. Esse quadro obriga o Brasil a insistir numa política monetária restritiva. Uma parte do crescimento esperado para este ano será sacrificado.

Seria muito simples culpar a globalização por tudo isso. Bastaria que o país voltasse ao passado, fechando a economia, para que os problemas desaparecessem naturalmente. Na verdade essa alternativa não existe. Ainda que enfrentando turbulências e percalços, a economia brasileira ampliou a capacidade produtiva, graças à interdependência que caracteriza o mundo atual. Se tivesse se isolado, o Brasil estaria hoje muitos passos atrás, e certamente ainda dominado por uma inflação gigantesca.

Aos trancos e barrancos, o Brasil conseguiu se desvencilhar de obstáculos que inviabilizavam o crescimento econômico, promovendo uma série de reformas estruturais importantes. Não foi por acaso que, depois da China, tornou-se o país de economia emergente a receber o maior fluxo de investimentos diretos nos últimos cinco anos.

Mas a obra está incompleta. Para conquistar lugar próprio, diferenciado, neste mundo cheio de conflitos, o país tem o dever de retomar o processo de reformas estruturais. Não há outra forma de pavimentar um caminho seguro. A retomada das reformas estruturais exige considerável disposição política tanto da parte do governo como dos congressistas. É preciso que o Senado se liberte do arrastado caso Jader Barbalho e volte a ser uma casa legislativa por excelência. Dos parlamentares e dos partidos, espera-se um ato de inteligência política: que suas preocupações não se resumam aos preparativos para as eleições de 2002.

A pauta é conhecida. É indispensável uma reforma tributária à altura desse nome. O ajuste fiscal tem produzido superávits primários expressivos — mas com ênfase no

aumento da carga tributária e não no corte de despesas. É má solução, porque, como já se disse, corrói a eficiência do sistema econômico e inibe o crescimento. E não é só isso: não há como fugir do aprofundamento da reforma da previdência (mesmo com desgaste político a curto prazo); a legislação trabalhista precisa ser aperfeiçoada; a privatização deve prosseguir — assim como a mal iniciada reforma política. Ou isso, ou o país continuará marcando passo com medidas de curto prazo — simples remendos que custarão anos de atraso e sacrifício.

...continuará
marcando
passo com
medidas de
curto prazo
